

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES



Leão XIII

SUMMARIO

Texto

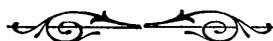
Leão XIII.
Chronica quinzenal, por P.
Secção piedosa: Indicador religioso da quinzena; Evangelho; Decretos pontificios.
Documentos pontificios: Encyclica de S. Santidade Pio X, sobre a acção social catholica.
Varia: Os mysterios nas Mathematicas, por Mem.
Secção social christã: Feminismo, por Pius.
As nossas gravuras.

Secção poetica: Oração dominical, poesia, por Alves d'Almeida.
Boletim scientifico: Tratamento da diptheria, pelo Dr. ***
Retrospecto da quinzena.
Bibliographia.

Gravuras

Leão XIII
Avinhão (antiga residencia papal)
Carlos Magno.

LEÃO XIII



Passa no proximo dia 20 o segundo anniversario do fallecimento do grande Pontifice Leão XIII.

Vamos recordar os seus dados biographicos. Nasceu em Carpineto, povoação da diocese de Anagni, nos estados pontificios, a 2 de março de 1810. Depois de concluir os seus estudos theologicos em Roma, recebeu o capello de doutor em ambos os direitos, sendo ordenado de presbytero, na capella do Vaticano, a 23 de dezembro de 1837. Conferiu-lhe a ordem o Cardeal Cardeal Carlos Odescalchi.

Celebrou a sua primeira missa a 31 do mesmo mez e anno, e d'ahi por deante começou a sua brilhante carreira na Egreja.

Em seguida, Gregorio XVI mandou-o como delegado apostolico reger as provincias de Benevento, Spoleto e Perugia. Em todos estes governos foi d'uma justiça inflexivel e d'uma rara modestia.

A 27 de janeiro de 1843 foi creado Arcebispo de Damietta, e logo foi mandado como Nuncio para Bruzellas, onde logrou a estima e veneração do rei Leopoldo I.

A 19 de janeiro de 1846 foi nomeado Arcebispo de Perugia, e fez alli a sua entrada solemne a 26 de julho seguinte, festa de Sant'Anna, em memoria de sua amada mãe, Anna Prospero Pecci.

Governou constantemente a sua diocese por espaço de trinta e dois annos, até ao dia em que foi sublimado á Cadeira de S. Pedro.

Sete annos depois de tomar posse da diocese de Perugia, foi creado Cardeal do titulo de S. Chrysogono, por Pio IX, no consistorio de 19 de dezembro de 1853.

O Cardeal Pecci, mais tarde Leão XIII, fez sete vezes a visita pastoral completa da sua diocese, e tinha principiado uma oitava quando Pio IX, por uma inspiração divina, o chamou para junto de si, creando-o Camerlengo da Santa Egreja Romana, no consistorio de 21 de fevereiro de 1877.

Formando-se o conclave de fevereiro de 1878 por fallecimento de Pio IX, o sacro collegio elegeu-o Pontifice, a 20 do dito mez e anno, porque viu n'elle todas as qualidades necessarias a um Papa.

O Cardeal Pecci declarou então que tomava o nome de Leão XIII, em honra e memoria do Papa Leão XII, dando-se então a circumstancia de ser o dia 20 de fevereiro consagrado á memoria de S. Leão, bispo de Catanea.

Se o Cardeal Pecci foi admirado, como prelado de Perugia, pelos seus actos, zelo e magnanimidade, como Papa foi o assombro do mundo inteiro.

Chronica Quinzenal

Tantos factos dignos de archivo têm decorrido desde a nossa ultima chronica, que só muito de reliance poderemos agora notal-os.

Principiemos pela viagem de Affonso XIII a Paris. No meio das festas estrondosas que os parisienses lhe prepararam, surge de repente uma nota discordante.

Por sobre a carruagem, que levava o presidente Loubet e o joven rei hespanhol, passa uma bomba anarchista. Ambos os chefes de estado escapam ilesos do attentado que apenas ferira alguns agentes de policia. Este attentado causou grande sensação.

De Paris seguiu o monarcha hespanhol para Londres, onde foi brillantemente recebido pelo rei Eduardo VII, e pelo povo londrino. D'ahi regressou por mar a Hespanha.

Na Allemanha celebraram-se imponentemente as bodas do principe imperial com a princeza Cecilia de Mecklenburgo. Todos os paizes da Europa e alguns da Asia fizeram-se representar por embaixadas extraordinarias. A nossa foi presidida pelo senhor infante D. Affonso, que recebera particulares attentões do imperador Guilherme.

Na Russia prosegue a revolta, repetindo-se os massacres e attentados a cada passo.

Ha dias até um couraçado, o «Potemkin» se declarou rebelde, sendo preciso dar-se-lhe caça. Afinal foi desarmado.

O presidente Roosevelt continua empenhado na consecução da paz entre a Russia e Japão, a qual é anciosamente esperada por todo o mundo.

Na Grecia foi assassinado tambem um estadista notavel, Delyannis. Era este o presidente do gabinete helleno, quando rebentou a guerra greco-turca, por causa de Creta.

A Noruega declarou-se separada da Suecia, e portanto fora da soberania do rei Oscar II.

Eis como um collega a descreve: «O actual parlamento norueguês — o storting, foi eleito em 1903, estando portanto a expirar o seu mandato, visto que a sessão dura 3 annos. Como havia já feito os anteriores, o actual parlamento apresentou a chamada *questão dos consules*, votando as verbas necessarias para o estabelecimento dos serviços consulares proprios e independentes dos da Suecia, recusando subsidiar os d'esta, como até aqui. Oscar II oppoz o seu veto a esta deliberação do parlamento. Em vista d'isto, o governo norueguês, presidido por Michelsen, um dos mais notaveis e prestigiosos politicos da Noruega, convidou o rei Oscar a visitar Christiania para de common accordo se procurar uma solução ao conflicto, convite que foi recusado.

Pedindo, em virtude d'esta attitude, o governo a sua demissão collectiva, o rei não encontrou politico algum na Noruega que accedesse a successão do gabinete Michelsen. D'esta forma a Noruega encontrou-se sem governo, sem meio de communicar com a Suecia.

Apesar d'isso a Noruega, não querendo desgostar Oscar II no fim da sua vida, pediu-lhe por intermedio do parlamento que renunciasse á coroa d'este paiz, succedendo-lhe um filho ou neto; e d'este modo continuava a cordialidade da relações entre os dous paizes, conseguindo a Noruega a sua completa independencia. O rei não quiz, e o resultado foi o «storting» obrigar o governo demissionario a constituir-se em governo provisorio e proclamar a sua absoluta e inteira independencia na memoravel sessão de 6 de junho ultimo.

Oscar II, que se recusou a reconhecer o novo estado de cousas, convocou a Dieta da Suecia para o dia 29 do mesmo mez. A questão está n'estes pontos.

P.

Secção piedosa

Indicador religioso da quinzena

Julho

- 15— Sab. S. Camillo de Lellis, Conf.
- 16— Dom. (5.º depois do Espirito Santo) O Santo Anjo Custodio do Reino. Triumpho da Santa Cruz. N. Senhora do Carmo.
- 17— Seg. S. Aleixo, Conf.
- 18— Terç. Santa Marinha, V. e M.
- 19— Quart. S. Vicente de Paulo, fund.
- 20— Quint. Santa Margarida, V. M. *Anniversario do obito do SS. Papa Leão XIII.*
- 21— Sext. (Abst. de carne) S. Praxedes, V.
- 22— Sab. Santa Maria Magdalena.
- 23— Dom. (6.º depois do Espirito Santo) S. Apollinario, B. M.
- 24— Seg. Vigilia de S. Thiago Apost. (Jejum).
- 25— Terç. (Abclido) S. Thiago Maior.
- 26— Quart. S. Symphronio e Comp. Mm.
- 27— Quint. S. Pantalão, medico, M. Padroeiro da cidade do Porto.
- 28— Sext. (Abst. de carne) S. Innocencio,
- 29— Sab. Santa Martha, V. irmã de S. Maria Magdalena e de S. Lazaro.
- 30— Dom. (7.º depois do Espirito Santo) Santa Anna Mãe de N. Senhora.
- 31— Seg. S. Ignacio de Loyola, instituidor da Companhia de Jesus.

Evangelho

(6.º Domingo depois do Pentecostes)

N'aquelle tempo, como as turbas houvessem concorrido outra vez em grande numero, e não tivessem que comer, chamou Jesus a seus discipulos e disse lhes: «Tenho compaixão d'este povo, porque ha já tres dias que andam aturadamente commigo, e não têm que comer; e, se os despedir em jejum para suas casas, vão a deefallecer no caminho, porque alguns d'elles vieram de longe.»

E seus discipulos lhe responderam: «D'onde poderá alguém fartal os de pão aqui n'este deserto?» E Jesus lhes perguntou: «Quantos pães tendes vós?» Responderam elles: «sete».

Jesus mandou á gente que se recostasse sobre a terra; e tomando os sete pães, deu graças, partiu-os, e os deu e seus discipulos para que os distribuisses ás turbas; e elles assim o fizeram. Tinham tambem uns peixinhos; e elle os abençoou, e mandou que lhes puzessem deante. Comeram pois e ficaram fartos, e dos pedaços que sobejaram levantaram sete cestos. E eram os que comeram perto de quatro mil; e Jesus os despediu.

(S. MARCOS. cap. VII-1-9)

Decretos Pontificios

Por decreto da Sagrada Congregação das Indulgencias e das Santas Reliquias, de 22 de março ultimo, a instancias da Prioriza das Carmelitas Descalças de Bolonha (Italia), Sua Santidade o Papa Pio X ha concedido perpetuamente trezentos dias de indulgencia, applicavel ás almas do purgatorio, uma vez cada dia, a todos aquelles que com coração contricto e devotamente rezarem os seguintes:

Actos de adoração e de acção de graças á SS. Trindade. — SS. Trindade, Padre, Filho e Espirito Santo, eis-

nos aqui prostrados ante vossa divina presença! Humilhadōs profundamente, pedimo-vos perdão de todos os nossos peccados.

Adoramo-vos, Padre omnipotente, e em toda a effusão da nossa alma damo-vos graças por nos terdes dado o vosso divino Filho Jesus por Redemptor nosso, e por havel-o deixado em nossa companhia no augustissimo Sacramento da Eucharistia até á consummação dos seculos, revelando-nos a maravilha do Sagrado Coração n'este mysterio de fé e de amor. — *Gloria Patri, etc.*

Oh! divino Verbo, amabilissimo Jesus Sacramentado! adoramo-vos, e com todo o affecto do nosso coração damo-vos graças por haverdes tomado carne humana, e por vos haverdes feito, afim de nos remirdes, Sacerdote e Victima no Sacrificio da Cruz; Sacrificio que, por um excesso de amor do vosso Coração adoravel, renovaes incessantemente

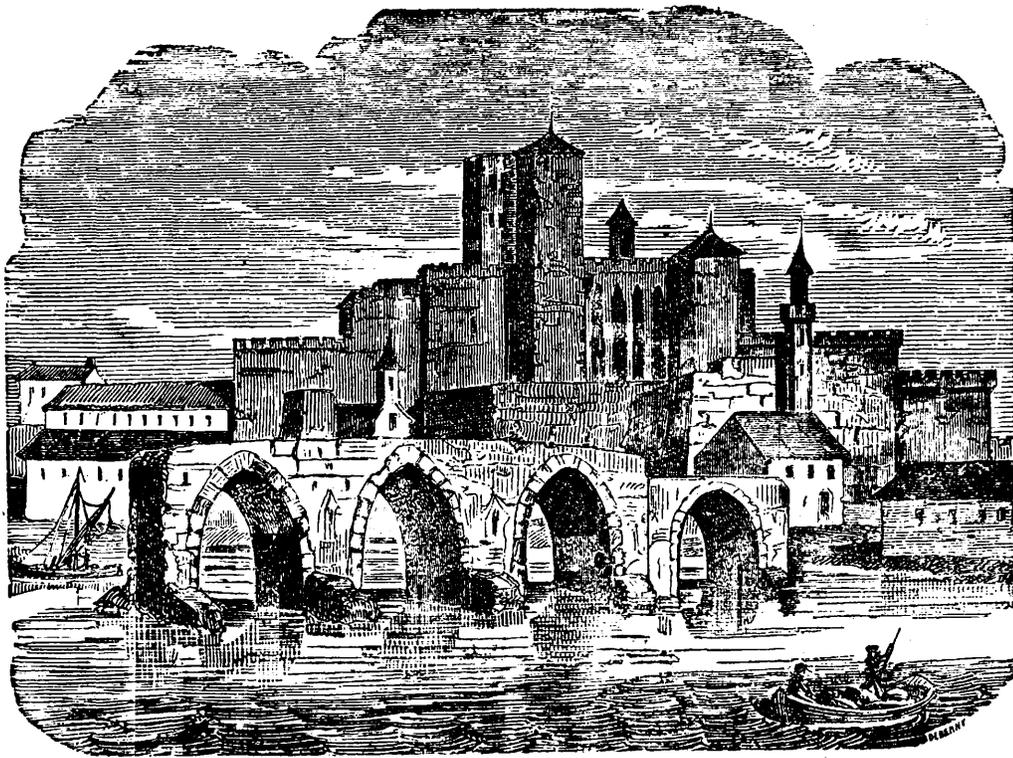
Gloria Patri, etc.—(*Acta Sancta Sedis*, t. xxxvi, pag. 601).

Litanias do SS. Nome de Jesus.—Por decreto da Sagrada Congregação de Ritos, de 8 de fevereiro do corrente anno, disppez S. Santidade o Papa Pio X que nas ditas Litanias, depois de se dizer:

«*Per Ascensionem tuam, libera nos, Jesu, Pela vossa Ascensão, livrae-nos Jesus.*»

Se ajuntar:

«*Per Sanctissimæ Eucharistiæ institutionem tuam, libera nos Jesu, Pela vossa Instituição da Santissima Eucharistia, livrae nos Jesus.*—(*Acta S. Sedis*, id., pag. 541.)



AVINHÃO (Antiga residencia Papal)

em nossos altares, pelo mundo. Oh Summo Sacerdote, Oh Divina Victima! concedei-nos honrar este vosso Sacrificio na augustissima Eucharistia, com as homenagens de Maria Santissima e de toda a vossa Igreja triumphante, purgante e militante. Totalmente nos offerecemos a vós; e, já que vos dignaes querer que sejamos victimas com-vosco, accetae a nossa offerta, uni-a á vossa e abençoaenos. *Gloria Patri, etc.*

Oh! divino Espirito Santo Paraclito! adoramo-vos e com o maior affecto da nossa alma vos rendemos graças por haverdes obrado com tanto amor, por nós outros, o ineffavel beneficio da Encarnação do Verbo Divino; beneficio que no augustissimo Sacramento da Eucharistia se renova e propaga continuamente.

Ah! por este adoravel mysterio de amor do Sagrado Coração de Jesus, concedei-nos, a nós e a todos os peccadores, a vossa graça. Derramae vossos santos dons sobre todos nós e sobre as almas remidas; porém por modo especial sobre a Santa Igreja, Esposa de Jesus Christo e nossa Mãe; sobre a cabeça visivel, o Summo Pontifice Romano; sobre os Cardeaes, Bispos e Parochos; sobre os demais Sacerdotes e Ministros do Santuaric. Assim seja.—

Invocação a Maria Immaculada.—S. Affonso Maria de Liguori não só foi activo defensor da Conceição Immaculada da SS. Virgem Maria, mas tambem foi promotor incansavel do seu culto; e, principalmente, propagou entre os fieis a pratica de rezar todos os dias, pela manhã e á tarde, trez vezes a *Ave-Maria*, ajuntando depois de cada uma a seguinte invocação: *Per tuam Immaculatam Conceptionem, oh Maria, redde purum corpus meum et sanctam animam meam*: «Pela vossa Immaculada Conceição, oh Maria, torna puro o meu corpo e santa a minha alma.» E para memoria do 50.º anniversario da definição dogmatica de tão ineffavel Mysterio, por Breve de 5 de Dezembro de 1904, concedeu S. Santidade Pio X, trezentes dias de indulgencia, applicavel ás almas do purgatorio, a todos os fieis, verdadeiramente contrictos por cada vez que rezem pela manhã e á tarde tres *Ave Marias*, e depois de cada *Ave-Maria* a dita invocação.—(*Acta S. Sedis*, id., pag. 369).



Documentos Pontificios

Carta Encyclica de S. Santidade Pio X

(Sobre a acção catholica)

O firme proposito, que concebemos desde o principio do nosso Pontificado, de querer consagrar todas as forças que a bondade do Senhor se digne conceder-Nos, á restauração de todas as coisas em Christo, desperta em Nosso coração uma grande confiança na poderosa graça de Deus, sem a qual não podemos pensar ou emprehender n'este mundo nada de grande ou de fecundo para a salvação das almas. E ao mesmo tempo, sentimos mais vivamente do que nunca a necessidade de sermos secundados unanime e constantemente por vós, Veneraveis Irmãos, chamados a participar do Nosso officio pastoral, por todos os membros do clero e por todos os fieis confiados aos vossos cuidados. Todos, com effeito, na Igreja de Deus, somos chamados a formar este corpo unico, cuja cabeça é Christo: corpo estreitamente organizado, como ensina o apostolo S. Paulo ⁽¹⁾, e bem coordenado em todas as suas articulações, e isto em virtude da operação propria de cada membro, d'onde o mesmo corpo tira o seu crescimento, e se aperfeioa a pouco e pouco no laço da caridade. E se n'esta obra d'edificação do corpo de Christo ⁽²⁾, o Nosso primeiro dever é ensinar, indicar o recto caminho a seguir e propor os meios de seguir, avisar e exhortar paternalmente, é tambem dever de todos os Nossos carissimos filhos, espalhados pelo mundo, acolher as Nossas palavras, realis-as primeiro em si mesmos, e concorrer efficaçamente para tambem as realizar nos outros, cada um segundo o seu estado e as suas funcções, segundo o zelo que lhe inflamma o coração.

Queremos apenas lembrar aqui essas obras multiplas de zelo que tendem ao bem da Igreja, da sociedade e dos individuos. commummente designadas com o nome d'acção catholica, que florescem pela graça de Deus, em toda a parte, e abundam tambem na nossa Italia. Bem comprehendéis, Veneraveis Irmãos, como ellas vos devem ser queridas, e quanto Nós desejamos intimamente vel-as consolidadas e favorecidas. Não só, por varias vezes, tratamos d'ellas falando com alguns de vós pelo menos, e com os seus principaes representantes na Italia, quando Nos rendiam em pessoa a homenagem da sua dedicação e do seu affecto filial, mas tambem publicando Nós mesmo sobre este assumpto, ou mandando publicar por Nossa auctoridades diversos actos que vós todos já conheceis. E' verdade que alguns d'elles, como o reclamavam circumstancias dolorosas para Nós, eram destinados a afastar os obstaculos oppostos á marcha mais rapida da acção catholica e a condemnar certas tendencias indisciplinadas, que se iam insinuando, com grave detrimento da causa commum. Anceava pois, o Nosso coração por dirigir a todos uma palavra de paternal estímulo e exhortação, para que no terreno desembaraçado, tanto quanto depende de Nós, dos obstaculos, se continue a edificar o bem e a augmenta-lo largamente. Por isso, é para Nós muito agradavel fazel-o agora pela Nossa carta, para consolação commum, com a certeza de que as Nossas palavras serão docilmente escutadas e obedecidas por todos.

* * *

Muito vasto é o campo da acção catholica; não ex-

clue, por si mesma. absolutamente nada de tudo aquillo que, de qualquer modo, directo ou indirecto, pertence á divina missão da Igreja. Sem custo se reconhece a necessidade do concurso individual para uma obra tão importante, não só para a santificação de Nossas almas, mas ainda para espalhar e desenvolver cada vez melhor o reinado de Deus nos individuos, nas familias e na sociedade, proporcionando cada um, segundo suas proprias forças, o bem do proximo, pela diffusão da verdade revelada pelo exercicio das virtudes christãs e pelas obras de caridade e de misericordia espiritual e corporal. Tal é o procedimento digno de Deus, ao qual nos exhorta S. Paulo, de maneira a agradar-lhe em tudo, produzindo toda a especie de bons fructos e augmentando na sciencia de Deus: *Ut ambuletis digne Deo per omnia placentes: in omni opere bono fructificantes, et crescentes in scientia Dei.* ⁽³⁾

Além d'estes bens, ha ainda um grande numero d'elles, pertencentes á ordem natural, que não entram directamente na missão da Igreja, mas d'ella derivam, como consequencia natural. Tão grande é a luz da revelação catholica, que se espalha vivissima em toda a sciencia; é tão grande a força das maximas evangelicas, que os preceitos da lei natural se arraigam mais profundamente e encontram-se reforçados; é tão grande, emfim, a efficacia da verdade e da moral ensinadas por Jesus Christo, que até o bem-estar material dos individuos, da familia e da sociedade humana se acha providencialmente auxiliado e favorecido. A Igreja, pregando Jesus Crucificado, escandalo e loucura para o mundo ⁽⁴⁾, tornou-se a primeira inspiradora e propagadora da civilização; espalhou-a por toda a parte onde pregaram os seus apóstolos, conservando e aperfeioando os bons elementos das antigas civilizações pagãs, arrancando á barbaridade e dirigindo a uma forma civilizada de sociedade os novos povos que se refugiavam no seu seio maternal, e dando á sociedade inteira, embora a pouco e pouco, mas em marcha segura e sempre progressiva, este cunho tão brilhante, que ella ainda hoje conserva universalmente. A civilização do mundo é uma civilização christã; tanto mais real, mais duravel, mais fecunda em fructos preciosos, quanto mais definitivamente é christã: tanto mais decadente, para o maior detrimento do bem social, quanto mais se subtrah á ideia christã. Por isso, pela força intrinseca das coisas, a Igreja torna-se ainda de facto guarda e protectorado da civilização christã. Este facto foi reconhecido e admittido, em outros seculos da historia; forma ainda o alicerce inabalavel das legislações civis. N'este facto se apoiaram as relações entre a Igreja e os estados, o reconhecimento publico da auctoridade da Igreja em todas as materias que d'algum modo se relacionam com a consciencia, a subordinação de todas as leis do Estado ás divinas leis do Evangelho, o accordo dos dois poderes, Estado e Igreja, afim de proporcionar o bem temporal dos povos de tal modo, que o eterno nada tenha a soffrer.

Não precisamos de vos dizer, Veneraveis Irmãos, que prosperidade e que bem estar, que paz e concordia, que respeitosa submissão á auctoridade e que excellente governo se obteria e manteria no mundo, se pudesse realizar completamente o perfeito ideal da civilização christã. Mas, dada a lucta continua da carne contra o espirito, das trevas contra a luz, de Satanaz contra Deus, não se pôde esperar tanto, pelo menos em toda esta medida.

Assim, vê-se que arrancam sem cessar alguma coisa ás conquistas pacificas da Igreja, perdas tanto mais dolorosas e funestas, quanto mais a sociedade humana tende a guiar-se pelos principios oppostos ao conceito christão, e até renegar inteiramente a Deus.

⁽¹⁾ Ephes. IV, 16.
⁽²⁾ Ephes. IV, 12.

⁽³⁾ Coloss. I, 10.
⁽⁴⁾ I Cor., I, 23.

Mas não é isto razão para desanimar. A Igreja sabe que as portas do inferno não prevalecerão contra ella; mas sabe ainda que encontrará no mundo a oppressão, que os seus apóstolos serão enviados como cordeiros ao meio dos lobos, que os seus fiéis serão sempre cobertos de odio e desprezo assim como o seu divino Fundador foi farto de odio e desprezo.

A Igreja, entretanto, avança, e enquanto espalha o Reino de Deus onde elle não fôra ainda pregado, procura por todos os meios reparar perdas do Reino já conquistado. *Instaurare omnia in Christo* foi sempre a divisa da Igreja, e é particularmente a Nossa nos terríveis momentos que atravessamos. Restaurar todas as coisas, não de qualquer modo, mas em Christo; *quæ in caelis et quæ in terra sunt in ipso*, accrescenta o apóstolo ⁽¹⁾, restaurar em Christo, não só o que pertence propriamente á divina missão da Igreja, conduzir as almas para Deus, mas ainda o que, como explicamos, deveria espontaneamente d'esta divina missão, a civilização christã no conjuncto de todos os elementos e em cada um dos que a constituem.

*
* *

E para chegarmos só a esta ultima parte da restauração desejada, bem vedes, Veneraveis Irmãos, que auxilio trazem á Igreja esses exercitos escolhidos de catholicos, que se propõem precisamente a reunir todos as suas forças vivas, afim de combater por todos os meios juatos e legaes a civilização anti-chistã: reparar por todos os meios as gravissimas desordens que d'ella derivam; introduzir novamente Jesus Christo na familia, na escola, na sociedade; restabelecer o principio da auctoridade humana como representando a Deus; tomar soberanamente a peito os interesse do povo, e particularmente da classe operaria e agricola, não só gravando no coração de todos o principio religioso, unica fonte verdadeira de consolação nas provações da vida, mas procurando enxugar-lhes as lagrimas, mitigar-lhes as penas, melhorar-lhes a condição economica graças a medidas bem comprehendidas; esforçar-se em fim, por que as leis publicas sejam conformes com a justiça, e por que se emendem ou supprimam as que lho são contrarias: finalmente, defender e sustentar n'um espirito verdadeiramente catholico os direitos de Deus em todas as coisas, e os direitos não menos sagrados da Igreja.

O conjuncto de todas estas obras, sustentadas e espalhadas em grande parte por um licato catholico, e diversamente comprehendidas consoante as necessidades proprias de cada nação e as circumstancias particulares em que se encontra cada paiz, é precisamente o que se costuma designar por um termo mais nobre: *acção catholica ou acção dos catholicos*.

Em todos os tempos, veio ella em auxilio da Igreja, e a Igreja acolheu favoravelmente este auxilio e abençoou-o, ainda que diversamente realiado, segundo as epochas.

E convem já aqui notar que não é possível refazer da mesma maneira tudo o que pôde ser util, e até apenas efficaz, nos seculos passados; tão grandes são as mudanças radicaes que o decorrer dos tempos introduz na sociedade e na vida publica, e tão grandes as novas necessidades que as mudanças das circumstancias suscitam sem cessar.

(1) Ephes. I, 10.

(Continua).



Varia

Os mysterios nas Mathematicas

I

A cada passo ouvimos dizer aos que impam de racionalistas, que a sua philosophia se estriba em não admittir voluntaria nem convencionalmente, em sua intelligencia, mais do que aquillo que ella pôde comprehender e abranger, repellindo a existencia do mysterio e attribuindo todas as manifestações da sciencia a causas completamente naturaes, apagando com estes propositos toda a luz que procede da fé, quedando-se nas trevas.

Avançando assim pelo meio d'ellas, necessariamente terão que tropeçar no espirito ou na materia, tornar-se-hão ou krausistas, ou scepticos, ou pantheistas, negando todo o sobrenatural e suprasensível por julgar-o contrario á razão, só pelo facto de que esta, em sua limitada esphera, não a pôde abranger ou comprehender.

A esses *intellectuaes*, que considerando-se os privilegiados e de entendimento superior aos demais mortaes, que não têm a desdita de pensar como elles; a esses que se appellidam a si mesmos *superhomens*; a esses que dizem abominar os mysterios, poderíamos pedir permissão para fazer uma excursão pelos formosos e dilatados campos da sciencia, e supplicar-lhes que nos digam se n'elles encontram tudo accessível á razão, e com certeza que se procedessem com lealdade, com animo firme e livre de prejuizos, espirito sosegado e sem propositos deliberados em sua vontade, chegariam nobremente a mostrar-nos os principios das leis, deduzindo d'estas o conhecimento das causas segundas, e elevando-se sobre ellas, remontariam á causa primeira e unica de todas: á *Causa causarum*.

Penetremos em sua companhia nos campos das mais severas e inflexiveis das sciencias, das que por autonomasia se chamam *exactas* ou Mathematicas puras, e convidemol-os a que fixem a sua attenção em alguns pontos d'esses que deixam vacillante a razão, a ver se aquelles que nos chamam convencionalistas, não *concordam* conosco na existencia dos mysterios.

Introduzamo-nos, pois, na mais elementar e empirica d'essas sciencias, na Arithmetica, e comecemos pela nümeração, e meditando nas suas abstrações, acharemos que, por muito grande que concebamos um numero, necessariamente teremos que admittir outro maior pela addição de uma unidade. Deduziremos por isto que a serie dos numeros seja *infinita*? Com certeza que não.

Effectivamente, cada numero differe do anterior e posterior em uma unidade; elle é finito como ambos, e poderíamos repetir a premissa por todo o decurso da nossa vida sem concluirmos nunca tão monotona operação. Se o tal numero não fosse finito, seria infinito, e, portanto, maior que todos os numeros imaginaveis, por immensos que os consideremos. Seria par ou impar, primo ou multiplo de qualquer outro: se fôsse par não conteria todos os numeros impares; se fôsse primo não seria o ultimo d'elles, porque um theorema nos demonstra que a serie dos numeros primos é illimitada, e em todo o caso, esse numero, seja par ou impar, primo ou não primo, terá procedido da addição de outros e não conteria o seu quadrado, o seu cubo, a sua quarta potencia, etc.; logo é impossivel que elle seja maior que todos os numeros imaginaveis; logo o numero dos numeros não é infinito.

Pois então como é que a nossa intelligencia, capaz de conceber e apreciar todo o finito, não pôde alcançar comprehender o maior de todos os numeros, isto é, o limite



CARLOS MAGNO

(DEFENSOR DA SOBERANIA TEMPORAL DOS PAPAS)

d'elles? Porque aquella é mais limitada que este. Mystério!

Qualquer das fracções periodicas, seja pura ou mixta, como por exemplo: $0,999\dots$ é finita? De modo nenhum. E' infinita? Muito menos. E' igual á unidade? Nunca. Póde chegar a ella á força de se lhe augmentar algarismos novos? Jámais, porque quantos mais algarismos tenha, o seu valor fraccionario será menor. Diferenciar-se ha da unidade no menos que queiramos? Sim; porém nunca chegará a ella. Será, pois, a unidade o seu limite? Não, porque então seria limitada, e não o é, e haveria pe-

tição de principio. Para sahir d'este circulo vicioso, os mathematicos *convencionaram* que tivesse por limite a unidade. Maneira de illudir o mysterio.

Todo o numero é uma potencia, porque senão deixaria de ser numero; toda a potencia tem forçosamente uma raiz d'onde procede; logo todo o numero tem uma raiz.

No emtanto, se quizermos extrahir uma raiz determinada, não sendo potencia perfeita d'ella, resultará que não a podemos expressar nem em numero inteiro nem em fraccionario; porém não ha outra representação do nume-

ro mais que essa, e apesar d'isso, ella existe. Qual é? Os mathematicos *convencionaram* que [seja *incommensuravel*. E que é ser *incommensuravel*? Ser e não ser. *Mysterio!*

E assim, com esses convencionalismos de limites e de *incommensurabilidade*, vão-se transpondo todos os obstaculos que se apresentam nas fracções continuas, nas progressões, nos logarithmos, e em geral em todas as theorias dos numeros, valendo-nos dos principios deduzidos d'uma theoria especial e confusa que se chama dos *erros* ou *aproximações* com os quaes se estabelecem pontes para poder passar adiante e saltar ou illudir os mysterios da sciencia, a maior parts das vezes inadvertidamente.

(Conclue).

MCM.



Secção social-christã

Feminismo

A facilidade com que a mulher operaria se deixa arrastar pelas arengas revolucionarias torna de todo o ponto necessario o apostolado das obras sociaes, realizado por mulheres de sólida piedade e de verdadeira cultura.

Com umas quantas phrases rethoricas e uma bandeira rubra, arranca-se facilmente a mulher da fabrica ou da officina, e se arremeça á rua, onde pela suggestão que a revolta exerce sobre os espiritos impressionaveis, se converte presto em cabeça de motim. Não aconteceria isto se as mulheres operarias tivessem plena consciencia de seus deveres e de seus direitos, e, sobretudo, da sua missão no mundo, que não é certamente a que lhes assignam os *me-neurs* revolucionarios.

Ha um feminismo são, ou, antes, um movimento de melhoria feminina que as senhoras catholicas devem conhecer para levar á pratica as suas conclusões racionais. E' evidente que na nessa actual sociedade positivista a mulher é materia de vil exploração: exploram-na no mundo industrial submettendo-a a um trabalho excessivo e mal remunerado em competencia desvantajosa com o homem; exploram-na no terreno artistico convertendo-a em incentivo de toda a corrupção esthetica; exploram-na nos logares que se não acham sustidos pelo espirito christão, obrigando-a a ganhar pensamente o pão da familia; exploram-na, enfim, no terreno social organisando-a para a guerra de classes, sem educal-a nem instruil-a, para que não seja senão uma força inconsciente ao serviço da revolução.

E' muito grande o numero de obras sociaes fundadas e sustentadas para melhorar a condição da mulher. Desde as de preservação e redempção do vicio até ás organisadas com um fim realmente profissional e ainda cooperativo, como a do serviço domestico, que é uma verdadeira bolsa de trabalho, ha toda uma serie de obras excellentes que realisam um fim social em proveito da mulher. Não seria conveniente congregiar estes esforços isolados, e sobretudo, systematisal-os, inspirando-se nos ensinamentos da Igreja?

N'estes desgraçados tempos não basta fazer o bem; é necessario, demais a mais, multiplicar o numero dos que o praticam: não vae isto contra a humildade, que é compaheira inseparavel da caridade: Dens é glorificado nas boas obras de seus filhos.

Entre nós a acção social catholica feminina tem um character de intimidade mui sympathica, mas tambem de ef-

ficacia muito restricta. Não o entendem assim as mulheres francezas, que desde ha uma boa meia duzia de annos, se entregam a este feminismo catholico sob a direcção de varões eminentes na Igreja e na sociologia.

Assim o prova o primeiro *Congresso Joanna d'Arc*, reunido em o Instituto Catholico de Pariz, em maio de 1904 (*Compte rendu du premier Congrès Jeanne d'Arc. Pariz, 1905*) Dois pontos principaes se trataram n'aquelle Congresso: a necessidade que a mulher tem de uma seria educação intellectual e religiosa, e a urgencia de entregar-se ás obras sociaes e populares para oppor-se ao avanço da civilização. Com orientação eminentemente pratica se estudaram no Congresso estas duas questões fundamentaes, e dentro d'ellas ainda varias outras importantissimas, como são as seguintes: deveres da mulher rica para com a mulher operaria, syndicatos da costura, escolas de enfermeiras, syndicatos das professoras e compositoras de musica, patronatos, escolas domesticas, lucta contra a maçonaria, constituição da familia, obras de imprensa e varias outras.

Pius.



As nossas gravuras

A Arrabida

(Vid. n.º 10)

Quem sahe a barra de Lisboa e toma rumo ao sul, encontra, passando Cezimbra, a elevada serra da Arrabida, onde a vegetação silvestre cresce livremente por entre as pedregosas penedias das suas faldas apumadas.

Ahi se avista, a meio da altura, esse convento tão pobre mas tão conhecido, subindo pela encosta as diversas capelinhas trepadas pela fragoas da serrania como um bando alinhado de aves brancas.

Sobre a origem do mosteiro, tão modesto quão interessante, vamos reproduzir em resumo o que parece mais veridico

Nos principios do seculo XVI um maritimo estrangeiro, flamengo ou inglez, arremessado áquelle sitio por uma tormenta de que se salvou invocando o auxilio da Virgem Maria, fundou alli uma capella e distribuindo os seus haveres em obras pias foi o seu ermitão.

Decorreram annos, quando um mancebo hespanhol da mais alta nobreza. D. Martinho, se chamava elle, filho legitimo do conde de S. Martinho del Puerto, deixando o mundo, professou a regra minorista em 1530.

Encontrando-se com o seu parente, o duque de Aveiro, D. João de Lencastre, neto de D. João II, indicou-lhe este fidalgo como sitio proprio para as mas intenções asceticas a serra da Barbarica (Arrabida) visinha á sua morada favorita de Setubal.

Recebida a necessaria auctorisação, veio o moço Martinho em 1540 mais um irmão leigo habitar o logar escolhido.

Feita uma cella no flanco da serra, despojou-se elle de todos os commodos. Sem habito, vestido apenas d'um burel muito ordinario, cinjido ao corpo por grosso esparto, a cabeça coberta com um capuz e de pés descalços seguia Martinho a sua vocação

Ao fim de sete mezes viu-se abandonado pelo compaheiro que não podera aguentar vida tão aspera e penosa. Assim esteve durante um anno, ao fim do qual se lhe veio juntar Fr. Pedro d'Ancantara, e depois, pouco a pouco,

outros, desanimando contudo uma grande parte d'elles, especialmente os mais avançados em annos.

Convento de novo genero, as cellas eram praticadas no monte e afastadas umas das outras para que se não vissem e pudessem gemer, orar, e disciplinar-se cada um a seu talante, sem ser ouvido dos outros.

Em 1452, vindo a Portugal Fr. João Calvo, geral da Ordem, foi-os visitar, animou-os a perseverar, instituiu presidente e prelado do pequeno ajuntamento a Fr. Martinho de Santa Maria, juntando-se lhe, movido por tanta devoção, Fr. Archanjelo que acompanhava o geral.

Ao cabo de poucos annos, gasto da rude aspereza da vida que seguira, falleceu em 1547 aquelle fidalgo, tão crente e sincero.

O seu cadaver foi sepultado no convento de S. Francisco da Cidade, em Lisboa.

Eis as origens do celebre convento da Arrabida.

Na raiz da montanha, encontra-se uma das maiores bellezas do nosso paiz, a grande *Lapa de Santa Margarida*, tendo duas entradas, uma pela encosta da serra, e outra pelo mar, onde não é facil atracar em qualquer occasião.

Ha alli um alto gradeado, onde se venera a Virgem e Martyr Santa Margarida.

No interior da lapa existe uma extensa furna, estreitando-se de modo a não se poder achar o termo.

Com tão notaveis attractivos naturaes a paisagem da Arrabida é bem apreciada por quantos a visitam.

Mosteiro da Batalha

(Vidé o n.º 12)

O monumento da Batalha, como vulgarmente se chama ao convento de Santa Maria da Victoria, fundado por D. João I, em cumprimento do voto por este monarcha feito na celebre batalha de Aljubarrota, marca a epocha mais florescente das artes em Portugal, pelo que é este monumento duplamente glorioso para a historia dos grandes feitos d'armas dos portuguezes, que elle commemora, e para a historia da arte em Portugal que elle representa.

Admirado por nacionaes e estrangeiros que o tem visitado, a sua fama chega a todo o mundo civilisado que d'elle tem noticia, e raro será em paiz estrangeiro quem falle de Portugal, que não se refira ao monumento da Batalha como a uma das maravilhas que ha para ver no mundo.

Consolemo-nos, n'esta epocha de decadencia que vamos atravessando, com a recordação d'estas glorias tão nossas e que hão de resistir atravez de todas as vicissitudes porque está passando a nossa querida patria.

Não se sabe ao certo a data precisa da fundação do convento de Santa Maria da Victoria, porque d'ella não existe noticia no cartorio do convento, suppõe-se, porém, com bom fundamento, que deverá ter sido entre os annos de 1386 a 1388, como diz o fallecido escriptor snr. Ignacio de Vilhena Barbosa, no seu livro *Monumentos de Portugal*.

Tendo-se ferido a grande batalha de Aljubarrota em 14 de agosto de 1385, não é provavel que no curto espaço de quatro mezes, quantos faltavam para o complemento d'aquelle anno, se planeasse e desse principio á construcção de obra tão formidavel, traçada, segundo a tradição, pelo architecto portuguez Affonso Domingues.

Secção poetica

Oração dominical

Padre Nosso que estaes no alto Ceu,
Sanctificado seja o vosso nome;
Venha a nós, como perennal tropheu,
O vosso Reino, que por bons nos tome:
Seja feita a vossa integra vontade,
Assim na terra, ó Deus da creação,
Como no Ceu de eterna santidade:
O pão nosso, que vem da vossa mão,
De cada dia nos dae hoje, ó Deus!
Perdoae-nos, Senhor, por piedade,
As nossas dividas de pobres theus,
Assim como nós outros, com bondade,
Perdoamos aos nossos devedores:
Não nos deixeis, Senhor celestial,
Cahir em tentação de obrar horrores,
Mas livrae-nos, ó Deus, de todo o mal,
Para que a terra aqui nos não condemne,
Nem lá no Ceu vós nos punaes. Amen.

ALVES D'ALMEIDA.



Boletim scientifico

O tratamento da diphteria

A diphteria é produzida por um microbio especifico, o *bacillo de Loeffler*, que pullula nas falsas membranas fibrinosas desenvolvidas por elle sobre as mucosas, onde fica localisado; mas segrega, o que foi demonstrado por Roux e Yersin, um veneno, chamado toxina, que se espalha pelo organismo e provoca os accidentes da molestia.

Isolou-se este principio toxico, cultivando-se o microbio em um caldo fracamente alcalino em contacto com uma corrente de ar humido, á temperatura de 37.º, e ao cabo de 3 ou 4 semanas a quantidade produzida é sufficiente; o que se verifica por ensaios sobre animaes. Filtra-se então a cultura por um filtro Chamberland e conserva-se em vasos esterelizados, bem rolhados e ao abrigo da luz. E' muito activa: um litro, capaz de matar 20 a 30:000 cobayas, não contém um milligramma de substancia activa.

Se se aquecer o liquido de 58.º a 65.º a toxicidade diminue muito; a 100.º é destruida. Póde-se portanto ter toxinas attenuadas. Behring e Kitasato demonstraram que, injectando-se em um animal, em pequenas doses repetidas, este animal torna-se *immunisado*, isto é, incapaz de contrahir a doença, e que o sôro do seu sangue injectado em outros animaes ou no homem preserva-os e sara-os da doença, graças á formação n'este sangue d'uma substancia chamada antitoxina. A descoberta do sôro antidiphtherico pertence portanto a Behring.

Graças aos recursos do Instituto Pasteur, M. Roux pôde fabricar em grande quantidade o sôro antidiphtherico e fazer d'elle applicação aos doentes em condições de rigor scientifico superiores ao que tinha sido tentado precedentemente. Behring tinha empregado particularmente a cabra, a vacca, mas Roux immunisou o cavallo e demonstrou a superioridade d'este animal sobre todos os outros. Antes de começar a operação, convém assegurar-se



do estado do sangue, depois injecta-se um centimetro cubico de cultura. Produz-se no ponto da inoculação um edema duro que persiste por muito tempo; a temperatura do cavallo sobe, o seu peso diminue. Estas reacções locais e geraes cessam ao cabo d'alguns dias, renova-se prudentemente a injectão, augmentando progressivamente as doses. Chega-se algumas vezes a 100 e 200, até ao momento em que o animal se acha immunizado, isto é, em que fornece um sôro, do qual uma quantidade egual a $\frac{1}{50000}$ do peso do animal é capaz de neutralisar uma quantidade de toxina que mata um animal do mesmo peso em menos de 24 horas.

O emprego do sôro em therapeutica tem dado resultados inesperados, tanto mais brilhantes quanto foi mais precoce, o que se verificará pela queda das falsas membranas, o abaixamento da temperatura, e a diminuição da frequencia do pulso. Quando o tratamento começa no primeiro dia, têm-se 100 p. 100 de curas; quando começa no 2.º dia, 97 por 100; no 3.º dia, 87 p. 100; no 4.º dia, 77 p. 100; no 5.º dia, 60 p. 100; no 6.º dia, 51 p. 100. (Bouchard.)

Ora, em 1876, a mortalidade do crup só nos hospitaes era de 79 a 75 $\frac{0}{100}$!

Os animaes tratados são sangrados regularmente (na 2.ª feira) por meio d'um trocart introduzido na veia jugular. O sangue que corre é recolhido com todas as precauções antisepticas e dá um sôro limpido antidiphtherico, deitado em frasquinhos de 10,º rolhados hermeticamente, collocados em caixas de madeira, que se vendem nas pharmacias.

DR. ***



Retrospecto da Quinzena

O *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* transcreve uma passagem muito interessante de *La Croix*, que reproduzimos:

«Durante uma semana pode alguém orar livremente em França: não foi um religioso francez, porque o liquidador o iria arrancar do altar; não foi um soldado do nosso exercito, porque um Vade-card o teria denunciado; não foi um empregado-publico, porque o beleguim o teria espiado: foi o rei de Hespanha Affonso XIII. Não foi a Notre-Dame em visita protocolar; foi ali orar, e o presidente da republica, com espanto e colera dos jornaes sectarios, orou tambem religiosamente. Orou igualmente na capella dos Invalidos e na de Saint-Cyr, rodeado dos cortejos officiaes, que admiravam a sua piedade, e talvez lh'a invejavam. Absorvido estava o rei e enlevado parecia á missa da Ascensão e á do domingo.

No dia da sua primeira communhão a rainha sua mãe rematava a dedicatória d'um devocionario, que então lhe offereceu, com estas palavras: «O que eu mais que tudo te peço n'este dia abençoado, é que em toda a tua vida te mostres um verdadeiro christão e perfeito cavalheiro.» E o bom filho, que tem deferido sempre ao pedido da boa mãe, mereceu lhe dissesse o Cardeal Arcebispo de Paris, quando o saudou na visita a Notre-Dame: «Lembraremos tambem com reconhecimento Sua Magestade a rainha vossa mãe: admiram-n'a todos e lhe dão graças, porque deu á Hespanha catholica um rei como ella merecia.» O rei, que, ao nomearem sua mãe, se inclinou profundamente com visivel commoção, respondeu sorrindo:

«Ainda não sou o que devia ser; mas hei de ser com a graça de Deus.»

Na adoração ao Santissimo continuava ainda absorvido em oração, quando já estavam de pé Sua Eminencia e o presidente da republica. Ao mostrar-lhe o Arcebispo as insignes reliquias da Paixão, recordando-lhe que tinham sido offertadas por seu avô S. Luiz, inclinou-se gravemente e beijou-as com manifesta piedade. Commoveu-se, ao contemplar as tres batinas ensanguentadas dos arcebispos de Paris, mortos violentamente no seculo passado, monsenhores Affre, Sibour e Darboy. Na despedida ajoelharam novamente o Rei e o presidente, tomaram agua benta e foram acompanhados pela cruz até á carruagem.

Na missa do domingo em Santa Clotilde, depois de uma irreprehensivel e correctissima genuflexão, houve-se com o mesma piedade, gravidade e dignidade, que a todos altamente impressionára na missa de Notre-Dame, observando rigorosamente o ceremonial liturgico: persignou-se, ao principiar o Evangelho, e, concluidas as tres cruces, beijou, segundo o costume hespanhol, o pollegar em cruz; á consagração e um minuto depois conservou-se profundamente inclinado: parecia absorvido sempre em profunda meditação, e o seu olhar sereno, grave e um tanto triste, não se arredava nunca do altar.

Na entrada e na sahida o orgão tocava a marcha real hespanhola, tanta vez repetida em varias nações n'estes ultimos mezes; poucos lhe saberão a lettra, que é altamente christã:

A Virgem Maria é nossa protectora;
Com tal defensora
Não ha que temer;
Vence ao mundo, demonio e carne;
Guerra, guerra contra Lucifer.»

Em poucos paizes a má imprensa tem produzido nos espiritos resultados mais funestos que na França.

Alvejando sobretudo a deschristianisação do povo, conseguiu-a. A indiferença com que este tem olhado os sectarios e a sua obra, não se explica d'outro modo. Foi obra da má imprensa.

Podemos por isso considerar benemeritos os Agostinhos da Assumpção por, nos meados do seculo passado, opporem uma barreira a este mal.

Entre elles tem lugar de honra o P. D'Alzon.

Foi elle que semeiou o grão de mostarda que depois foi a arvore frondosa da Boa Imprensa.

Em 1873 os Agostinhos fundaram *Le Pèlerin*, tres annos depois appareceu *La Croix*, revista mensal sempre paladino intemerato da grande causa.

Em 1883 *La Croix* passou a ser diaria. O seu programma é d'uma formosura sobreexcellente. Offerecemos, d'elle, aos leitores alguns periodos.

«O nosso estandarte é a Cruz.

A' sombra da Cruz se formam todas as nações.

A Cruz derribou o Cezar pagão, obscureceu as suas victorias, e anniquilou os seus prazeres. A politica não tem maior grandesa do que a sciencia da Cruz. Com os olhos fitos no Vaticano queremos sempre permanecer unica e exclusivamente catholicos, apostolicos, romanos. Vamos á conquista de todas as liberdades que precisa a Igreja de Christo para cumprir a sua missão na terra; reivindicamos os direitos de Deus, pugnamos por elles á face de todo o mundo, sem olharmos aos insultos dos inimigos, nem á critica dos amigos. Jesus sempre venceu, e o signal da victoria é a Cruz.

Se a Cruz não triumphar com ella, isto não impede que préguemos a Jesus, ainda n'esta praça publica, que se chama *jornalismo*. O triumpho é de Deus.»

Com intenções tão puras, com uma vontade tão forte,

não admira que *La Croix* se propagasse rapidamente por toda a França.

Despresada e escarnecida a principio, logrou depois entrar triumphante em todos os centros de reunião, levando nas suas paginas a luz da verdade, e com ella consolação aos infelizes. A perto de um milhão subiu o numero de seus leitores, e não bastando *La Croix* de Paris, para satisfazer os bons francezes publicaram-se cem edições de provincias quasi todas diarias. «A fundação e propagação de *La Croix* foi um grande milagre do seculo XIX.» — «Felicito-o, dizia Leão XIII a um dos seus redactores, por fazer parte da redacção d'esse periodico, e encarrego-o de dizer a todos os redactores que louvo a sua conducta, e os abenço de todo o coração.»

O agostinho P. Picard, successor do P. D'Alzon levou a Boa Imprensa a todas as classes sociais. Fundou a Cza da Boa Imprensa, de Paris, que é o assombro de quantos a conhecem.

Publicam os Angustinhos n'esta casa *La Croix* (diario) *La Croix de Dimanche* (semanal) *Le Pèlerin* (semanario illustrado) *Le Cosmos* (revista scientifica mensal) *Les Questions actuelles* (semanal) *Les Contemporains* (revista mensal illustrada) *La Noel* (revista semanal illustrada) *Le Mois artistique et littéraire* (revista mensal illustrada) *Revue Augustienne* (mensal) *La Assumption* (revista mensal) *Echos d'Orient* (mensal) etc.

Editaram oito numerosas series de *Factos historicos*—*catholicos*, e a colleção in titulada *As Boas leituras* com illustrações dos mais famosos artistas, para premios, e reimprimiu outros modelos de litteraturas para todos os gostos que constituem uma selecta e elegante Bibliotheca, digna de figurar nos centros de ensino, e no gabinete dos amadores de letras.

Eis a maior obra apostolica dos tempos modernos.

No momento em que acaba de se dar uma revolução pacifica, que póde considerar-se já virtualmente terminada, não deixa de ser interessante considerar a situação a tual dos catholicos na Noruega.

Ha já bastantes annos que a Igreja catholica gosa n'este paiz de uma liberdade que poderia servir de exemplo em muitos outros.

A nomeação para os logares ecclesiasticos entre os catholicos é uma questão em que o Estado se não intromette.

O sacerdote é «official do Estado civil» para todos os feis do seu districto, e os casamentos contrahidos perante elle são legaes.

Os catholicos são isentos de qualquer contribuição para a conservação da Igreja do Estado e das escolas protestantes.

O Bispo é o unico legislador, o unico chefe e o unico inspector de seus estabelecimentos escolares.

O exercicio publico do culto é não só reconhecido, mas até protegido.

No dia do Corpo de Deus, em Christiania, a procissão do Santissimo Sacramento percorreu as ruas da capital no meio de um cortejo de agentes de policia em grande uniforme e varios protestantes espalhavam flores á sua passagem.

Na bênção da capella do hospital de Christiansund, o Bispo teve a consolação de ver todas as auctoridades assistirem áquelle acto, seguidas de uma multidão attenta e recolhida, o que prova as boas disposições do governo para com os catholicos.

E não se diga que se trata de um paiz de ignorantes, pois na Noruega não ha analphabets!

Acaba de ser promovido á dignidade de Deão da Sé Cathedral do Porto o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Conego Manoel Luiz Coelho da Silva, dignissimo Vigario capitular d'esta diocese.

Ao mesmo tempo que nos congratulamos com tal nomeação por recahir em tão illustre ecclesiastico, renovamos as nossas sincerissimas felicitações a s. ex.^a rev.^{ma}.

Tambem foi promovido á dignidade de Chantre da mesma Sé Cathedral, o ex.^{mo} e rev.^{mo} Teophilo Salomão Coelho Vieira de Seabra.

Os nossos cumprimentos a s. rev.^{ma}.

Bibliographia

Instrucção publica e Educacão religiosa por Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira—Lemos com muito gosto e interesse esta valiosa obra que nos foi offertada pelo seu illustre auctor.

E dizemos com gosto e interesse porque o sr. Lemos Ferreira, em todas as paginas d'este livro excellente, revela-se um espirito lucido e intelligente, um catholico firme nas suas crenças, um nacionalista sincero e entusiasta.

Percorrendo as paginas da «Instrucção Publica e Educacão Religiosa», admirámos sempre a solidez da doutrina e de conhecimentos, revestida com os mais bellos recamos d'uma forma litteraria assás brilhante. N'um prefacio extenso, mas que se lê com avidez pelo burilado primoroso da phrase, o auctor faz desenrolar deante dos nossos olhos a accção da maçonaria—a infame seita que tem envenenado e corrompido a instrucção nos diversos paizes—em Portugal, desde os tempos ominosos do Marquez de Pombal até ás ultimas manifestações anti-religiosas, preparadas nos antros da pernicioso sociedade.

O sr. Lemos Ferreira versou com rara mestria o assumpto que se propoz tratar.

Depois de definir, á luz dos verdadeiros principios, o que seja a educacão e a instrucção depois de inculcar a sua necessidade mostra nos o papel que cabe desempenhar tanto á Igreja como ao estado, n'esse capital problema.

Verbêra depois com o latêgo d'uma critica severa mas justa, a educacão e instrucção como actualmente são ministradas no nosso paiz, e, por consequencia natural, mostra-nos a necessidade d'uma reforma n'esta materia.

Como consectorio dos principios expostos, passa o auctor a demonstrar a falsidade da doutrina feminista.

Em seguida, o sr. Lemos Ferreira lança as bases para uma reforma da instrucção primaria, secundaria e superior, dando sempre provas d'uma perspicacia de vistas e d'uma intelligencia superior. Por fim, termina esta valiosa obra de que temos fallado, pelo brilhante discurso pronunciado pelo seu prestimoso e intelligente auctor no congresso nacionalista do Porto.

Um espirito tão investigador e illustrado deve produzir mais obras valiosas como esta, para contrabalancar a inutilidade das semsaborias inuteis que produz todos os annos a nossa litteratura.

A direcção superior da instrucção publica no nosso paiz, orientada pelo livro do sr. Lemos Ferreira no que elle tem de exequivel para as circumstancias da actualidade poderia dar-nos uma reforma modelar n'esse ramo de administracção que está a seu cargo.

Terminaremos, felicitando o auctor pela valiosa obra que acaba de dar a lume, agradecendo-lhe o exemplar que nos offertou e as expressões amaveis da dedicatória, e mais ainda, reoommendando tão util livro aos nossos leitores.

(Quinzena Religiosa do Funchal).

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes em divida pediamos encarecidamente o pagamento dos seus debitos.

Vamos brevemente mandar para o correio saques d'estas importancias, por isso era apreciavel favor a sua antecipação afim de nos evitar despezas.

ANNUNCIOS

FLORES DO CLAUSTRO E ARRULHOS DE POMBA

(Vida intima d'uma andalusa capuchinha)

Traduzida da quinta edição hispanhola

PELO

PADRE MANUEL MARINHO

Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. ANTONIO
Bispo do Porto

Preço . . . 200 reis

TUDO POR JESUS

OU

Caminhos faceis do amor divino

PELO

REV. PADRE FREDERICO WILLIAM FABER

SUPERIOR DO ORATORIO DE S. PHILIPPE DE NERY (DE LONDRES)
DOUTOR EM THEOLOGIA



Obra traduzida do inglez para o francez

POR

M. DE BERNHARDT

E D'ESTA LINGUA VERTIDA PARA O PORTUGUEZ

POR

F. PRETO PACHECO

2.^a EDIÇÃO

Com approvação e recommendação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. Antonio, Bispo do Porto

ADOLPHE BAUDON

MEDITAÇÕES

PARA O

Mez do S. Coração

TRADUZIDAS POR

AYRES BORGES

Approvadas e indulgenciadas pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preço . . . 200 reis

IMITAÇÃO DE CHRISTO

3.^a NOVISSIMA EDIÇÃO

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. ANTONIO, Bsp do Porto

Preços :

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrin, douradas	1\$000 »

PARECER DADO PELO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. DR. CONEGO COELHO DA SILVA
VIGARIO GERAL DA DIOCESE, SOBRE ESTA OBRA :

«Li attentamente esta nova edição da *Imitação de Christo*.

«O que é a *Imitação de Christo*, um dos livros mais admiraveis, se não o mais admiravel saído das mãos do homem, não é para aqui dizê-lo.

«Quanto á nova traducção e notas, o nome do Rev.^{mo} Padre Manuel Marinho é garantia segura de que esta obra é uma das mais perfectas. Effectivamente a traducção foi confrontada com o texto latino, é fiel, concisa e intellegivel para todos.

«As notas, que acompanham os capitulos, são taes que algumas vezes parecem exceder o proprio texto».

Assim formulava o meu juizo em 10 d'abril de 1901. Agora nada tenho a acrescentar relativamente a esta 3.^a edição. O esgotamento de duas edições em tão pouco tempo é de per si eloquente.

Porto, 10 d'outubro de 1904.

CONEGO COELHO DA SILVA.

Em vista do parecer junto approvamos esta edição da *Imitação de Christo* e concedemos **50 dias de indulgencia** pela leitura de cada capitulo.

Porto, 12 de outubro de 1904.

† ANTONIO, BISPO DO PORTO.

Pedidos á casa editora FONSECA—Rua da
Picaria, 74—Porto e ás principaes Livrarias.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados
paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e
falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes
Portuguezas.